

RETRATO

Antônio Augusto Ferreira

Estas botas parecem da família,
desbotadas de suor e água de
sanga, lustrosas das correias das
esporas, com seus bordados que
teceu o mato, desenhados a mãos
de unha-de-gato e japecanga.
São velhas botas de solado gasto
já deformadas de viver de arrasto.

A bombacha vem cheia de
remendos, já tão rala nos joelhos e
fundilho.
Nos joelhos gastou com cada filho
que me subiu ao colo em busca da
canção de campear sono.
O fundilho se foi na lida bruta
de amansar potros e de sovar
pelego.
E o pano original se foi comendo
até meio sumir-se entre remendos
em triste imitação da alma do dono.

A guaiaca vermelha, sem curtume,
que muito carregou armas de briga,
mal me suporta o peso da barriga
como na espera de que um dia a
aprume.

O lenço é um maragato desbotado,
este brasão que ondula no pescoço
e que é o mesmo que andava,
quando moço a tremular aos ventos,
no passado.

E que dizer das guascas, do chapéu...
Um lombilho quebrado, uns pelegos
rabenados de uso, as cordas
ressequidas, dão-me a idéia, talvez,
de algumas vidas que se preparam
pra enfrentar o céu.
E poncho, e cama, e rancho em
desalinho, há em tudo um retrato
mal traçado do muito que já tive no
passado e o pouco que restou neste
caminho.

E a alma – Santo Deus – a alma,
como andará por dentro a velha
bruxa?
A cada dia mais serena e calma
mas cada vez mais guapa e mais
gaúcha.
Resignação, amor, saudade, espera,
nas lembranças de um tempo
que foi lindo.
E uma réstea de luz, tremeluzindo
para as tardes azuis da primavera.